

Discursos de gênero na imprensa católica de Fortaleza: o caso do Jornal O Nordeste (1922-1927)

Maria Adaiza Lima Gomes¹

Introdução

Este trabalho tem o intuito de analisar os textos publicados no jornal católico *O Nordeste*, a fim de perceber de que modo este foi usado pelos seus responsáveis como ferramenta de (re)produção e disseminação de discursos de gênero na cidade de Fortaleza/CE entre os anos de 1922 e 1927.

O Jornal *O Nordeste* foi fundado em 1922 por Dom Manuel da Silva Gomes, terceiro bispo e primeiro arcebispo cearense (1912-1941). Mesmo não se tratando de um órgão oficial da Igreja, era conservador e de orientação católica, já que o arcebispo resolveu fundá-lo exatamente com a finalidade defender e disseminar os interesses do catolicismo cearense e de aproximar a população da religião e dos seus valores. Para isso ele contou com intelectuais católicos, que ficaram responsáveis pela produção da folha. Desde seu lançamento podemos encontrar textos com discursos moralizadores, muitos deles voltados para as mulheres da cidade.

Escolhemos este jornal como fonte para a nossa pesquisa exatamente por termos percebido uma presença constante de textos direcionados a criticar o comportamento das leitoras. Percebemos, neles, a intenção de definir um padrão de comportamento para estas. Através de editoriais, de notícias e até mesmo de queixas e denúncias, seus responsáveis buscaram interferir na maneira de pensar e de agir das mulheres, sempre demonstrando que seu papel era cuidar da família e manter o seu recato.

O *Nordeste* atuava como porta-voz da Igreja no Ceará e se declarava o “baluarte da moral e dos bons costumes”. Atuou fortemente no combate às novidades da época, tais como o cinema, a moda e os bailes, e como defensor do recato das mulheres e das famílias. Para realizar essa empreitada se utilizou de estratégias como críticas de cinema, nas quais desaconselhava ao público a assistir filmes considerados imorais, e editoriais que condenavam comportamentos tidos como

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: adaizagomes@hotmail.com.

modernos, mas que contrariavam o conservadorismo católico, tais como a moda à *la garçonne*² e os bailes dançantes.

Pensando *O Nordeste* como produto da sociedade na qual foi produzido, segundo as relações de poder³ ali existentes, e também como ferramenta de difusão de ideias e formação de opiniões, neste trabalho problematizaremos os discursos por ele difundidos no que se refere a um grupo social específico: as mulheres. O interesse é perceber como foram feitas construções de gênero⁴ nas páginas deste periódico, as quais criaram significados a respeito dos comportamentos cotidianos destas, veiculando sentidos sobre o que era “ser mulher”, assim como divulgando padrões a serem seguidos pelas suas leitoras.

Discursos de gênero no *O Nordeste*

Após a proclamação da República (1889), com a nova constituição, que tornou o Brasil um estado laico, a influência do catolicismo no país foi ameaçada, pois, juridicamente, esta religião não faria mais parte da esfera pública, e sim da vida privada da população, o que poderia vir a diminuir o seu poder de influência na sociedade. Assim, com a separação entre a Igreja e o Estado, houve um interesse por parte da Igreja Católica em buscar manter seu espaço como uma das principais e mais poderosas instituições do país. Dessa forma, a partir daí, o clero buscou novos meios de divulgação da religião e de aproximação desta com seus fiéis (PARGA, 2012).

Como estratégia⁵ para esta empreitada, foi dada uma atenção especial à imprensa, na intenção de obter uma maior influência na vida pública. Assim, as

² O estilo *La garçonne*, consiste em mulheres com cabelos curtos, semelhante ao corte tradicionalmente definido para meninos, uso de maquiagens, joelhos a mostra, vestidos soltos, sem o uso de espartilho, inspirados nos modelos criados pela estilista Gabrielle Chanel.

³ Para Foucault (2011), o poder não é algo que se possui. Ele está presente nas relações humanas, sendo reproduzido nas ações dos indivíduos. Ou seja, o poder não existe por si só. Ele se dá através das relações.

⁴ Para Joan Scott (1995, p. 86) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

⁵ Para Certeau (1994, p. 99), a estratégia é “o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.)”.

décadas de 1910 e 1920 tiveram como características a proliferação de jornais católicos em todo o país. Para realizar essa empreitada, os clérigos contaram com a ajuda fundamental de leigos que, na condição de redatores ou colaboradores das folhas confessionais, atuaram numa busca pela mobilização da população católica no cumprimento dos interesses da religião (PARGA, 2012).

No Ceará, *O Nordeste* foi o principal jornal a exercer essa função. Intelectuais supervisionados pelo clero, a exemplo de Andrade Furtado e Luiz Sucupira, atuaram na confecção da gazeta contribuindo para a propagação dos princípios do catolicismo, orientando a população, buscando educá-la, moralizá-la e corrigir os comportamentos considerados inadequados.

Esses intelectuais não ficaram restritos à participação somente em instituições religiosas, e nem tampouco ao jornalismo. Eles atuaram em papéis importantes em Fortaleza, e tiveram influência em vários meios. Participaram de agremiações religiosas, exerceram magistério, influenciando, desse modo, o meio acadêmico; foram fundadores e/ou membros das mais importantes instituições intelectuais, como o Instituto do Ceará, o Círculo Literário e a Academia Cearense de Letras; e ainda estavam presentes na política. Para Dom Manuel, fundador do jornal, a participação destes na elaboração da folha seria fundamental, visto que eram homens respeitados, que levariam os preceitos católicos para todos os locais por eles frequentados e dariam ainda mais credibilidade aos discursos religiosos, os quais a Igreja precisava que fossem divulgados. Estes formariam um grupo militante em prol do catolicismo e no combate ao anticlericalismo, que buscava também intervir nas práticas culturais e sociais da população.

Esse foi também um período de muitas transformações na capital alencarina⁶. Desde a década de 1860 a cidade passava por um processo de modernização. O sucesso das exportações algodoeiras, feitas através do Porto do Mucuripe, fez com que a cidade ganhasse sua hegemonia em relação a outros centros urbanos cearenses. Além disso, possibilitou a emergência de grupos sociais como o dos comerciantes e os profissionais liberais. (ORÍÁ E JUCÁ in SOUZA *et al*, 1995).

Estes grupos seriam os principais idealizadores de uma Fortaleza remodelada, com a construção de novos equipamentos e serviços. Nesse sentido, as décadas

⁶ A cidade é assim tratada por ser a capital do Ceará, estado onde nasceu o escritor José de Alencar.

finais do século XIX e as iniciais do século XX foram permeadas de mudanças, tais como implantação da iluminação a gás carbônico, e a reorganização do espaço urbano de acordo com a Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios, inspirada nas reformas de Paris feitas pelo Barão de Haussmann, elaborada por Adolfo Herbister, em 1875; a construção do Passeio Público na década de 1880; a criação do Teatro José de Alencar em 1910, além de cinemas e clubes elegantes, que seriam locais de diversão e sociabilidade das camadas abastadas (PONTE, 2001).

Em Fortaleza, especificamente, Diocleciana Silva (2004) aponta que a difusão das salas de exibição teria influenciado na modificação do comportamento das mulheres, pois estas, que eram acostumadas a frequentarem somente as missas, procissões e novenas, etc. passaram a frequentar tais locais e outros, como o teatro e os bailes. Elas também passariam a imitar as personagens dos filmes, seu corte de cabelo e sua maneira de se vestir e agir.

Rodrigues *et al* (1988, p. 200) afirmam que, naquele período, "do cinema retiravam as donzelas os novos modos de viver, dele importavam frequentemente as modas, desde o vestido ao penteado, mas também as mais modernas formas de amar e os novos tipos ideais de beijar".

Nesse período, também os bailes nos clubes denominados elegantes se tornaram locais de diversão das camadas abastadas. A diversão nos bailes possibilitava uma maior proximidade entre os corpos, e conseqüentemente uma maior intimidade entre os dançarinos. Isso porque os ritmos em voga naquele momento eram o *foxtrot*, o tango, o *shimmy*, o *one step*, o *charleston*, o maxixe, etc, que eram músicas rápidas e agitadas, com danças mais livres e que remetiam à sensualidade. Desta forma, as mulheres teriam uma maior facilidade na paquera e também maior liberdade ao dançar. Essa liberdade de também foi influenciada pelas vestimentas, que deixavam braços e pernas à mostra, possibilitando uma maior variedade de movimentos (GOMES, 2015).

Dessa maneira, a moda também seria uma proposta de releitura da imagem das mulheres. Pois se, nesse momento, era comum relacioná-las ao recato e à discrição, a mulher considerada moderna teria como característica a beleza, a sensualidade, a ousadia, o consumismo, a vaidade, etc. (SANTOS, 2013). Para Christlene Carvalho Santos (2013, p. 101), "transformar-se em uma bela mulher no

início do século XX era fazer parte de uma cidade moderna, urbana, inserida no progresso”.

Nas páginas do *O Nordeste*, no entanto, estas características seriam criticadas e combatidas, visto que elas rompiam com a tradição religiosa e que, do ponto de vista da Igreja trariam o mal para a sociedade:

[...] A mulher, deixando-se arrastar pelas modas românticas, por diversões quotidianas, vae perdendo o gosto pelo labor domestico, não tem amor á casa e fiscaliza a dispensa, tem horror á cozinha e não se entusiasma pelos filhos.

As filhas seguem os exemplos das mães e escravizam-se aos *prejuizos* que enchem a sociedade moderna.

Não vemos [ilegível], em certos meios, o pudor pela ostensiva indecência das vestes exageradamente curtas e decotadas?!

[...] O luxo tresloucado dos presentes tempos é um dos grandes factores das desuniões domesticas.

Quantas esposas exigem dos seus maridos despesas acima dos seus recursos?

Quantas filhas não sacrificam a seus pais? (TABOSA, 12 de julho de 1922, p. 4).

Este texto foi escrito por Monsenhor Tabosa Braga, vigário geral da arquidiocese, participante ativo na militância católica e colaborador do jornal. Notamos no seu discurso, uma tentativa de impedir que as leitoras frequentassem os bailes, cinemas, tetos, enfim os locais de diversão da época, e se vestissem de acordo com a moda. A intenção era fazer com que as próprias mulheres se sentissem culpadas e evitassem tais hábitos. Mas também era de induzir que os homens as reprimissem. O uso de termos como “deixando-se arrastar” e “escravizam-se” dão a entender que as mulheres seriam seduzidas, e que elas seriam fracas e passivas. Nesse sentido alguns homens poderiam se sentir na obrigação de repreendê-las.

Com este discurso, o autor reforça os padrões comportamentais tradicionalmente estabelecidos para as mulheres, sugerindo que estas deveriam ser responsáveis pelo trabalho doméstico, pelo cuidado com os filhos e as filhas, além de administrar as despesas da família, sendo responsáveis também pelo sucesso do casamento, ou seja, uma mulher que se divertia, vestia-se de acordo com a moda ou deixava de realizar as atividades atribuídas socialmente às mães e às esposas, causaria o fim dos casamentos.

Eram bastante comuns, na folha, textos semelhantes ao supracitado. Estes ora aconselhavam ora criticavam suas leitoras. Uma das estratégias utilizadas foi a publicação de notícias, do Brasil e do Mundo, as quais serviriam de exemplos para as mães, as moças ou os pais e esposos:

Há poucas semanas matou-se, lá para as bandas do Andarahy uma jovem de 17 annos para quem todas as venturas corriam, começando pela idade.

[...] Frequentava os cinemas – outra perversão moral, que está a pedir um paradeiro – Via aquelles beijos lascivos, aquellas atitudes concudiscentes, aquellas maneiras impróprias dos meigos olhares dos seus 17 annos e comprehendia que era preciso que fosse feita de pão para não perverter.

Sem fé, sem a verdadeira intuição do que seja a crença em Deus, porque ia aos domingos à Igreja, como aos sabbados à avenida Rio Grande, esta louquinha, viu um dia um almofadinha que lhe fez a corte, apaixonou-se por elle e, como os Paes dessa vez a contrariaram, fez como no cinema, para fazer descer o panno do último acto da comedia da sua vida, ainda ao desabrochar (OS DESERTORES da vida 13 de fevereiro de 1926, p. 2).

O caso relatado acima foi publicado no *O Nordeste* na intenção de discutir um caso de suicídio, mas também a má influência dos novos costumes para a juventude, principalmente para as moças. O autor aponta que a suicida gostava das danças modernas e que frequentava cinemas. Entre outros fatores, estes teriam induzindo-a ao ato. Essa era a mensagem que o jornal queria passar. No entanto, o foco principal está na questão do poder do cinema em perverter as pessoas, de levá-las ao pecado, fazendo o mal para si e para a sociedade.

É interessante notarmos também a maneira como o articulista se refere à moça, uma “louquinha”, qualificando-a de modo pejorativo pelo fato de haver se comportado diferentemente do que seria considerado “normal” para uma jovem naquele período. Ou seja, frequentar ao cinema, deixar-se influenciar por ele, ou agir de um modo diferente do esperado foi suficiente para que o autor a julgasse como doente, desconsiderando qualquer outro motivo para o ato por ela praticado.

As películas reproduzidas nos cinemas exibiam cenas que, do ponto de vista da Igreja, poderiam influenciar os espectadores a perderem seus valores morais e a imitarem os erros cometidos nos filmes, ou seja, a entregarem-se ao pecado. Eram cenas de danças libidinosas, brigas, embriaguez, jogos, nudez, futilidades, divórcios,

violências, assassinatos, suicídios, ciúmes, conversas maliciosas, bordéis, descrenças, paixões exageradas, etc. (LIMA, 2012).

Com esse pensamento, *O Nordeste* buscou chamar atenção dos pais, para que não permitissem que suas filhas frequentassem as salas de exibição, e da administração pública para que tomasse providencias, principalmente realizando a censura do conteúdo das fitas, impedindo assim que os filmes viessem a trazer “más influências” para seus espectadores.

Esse tipo de discurso foi publicado principalmente entre os anos de 1924 e 1927. Acreditamos que o motivo da predominância do tema nesse espaço de tempo seja porque esse era o período em que as salas de cinema se popularizavam como locais de diversão tidos como modernos, já que pelo menos os dois cinemas mais luxuosos da cidade, Majestic e Moderno, haviam sido inaugurados há poucos anos, 1917 e 1921 respectivamente.

No trecho seguinte, a folha faz um apelo às mães para que não deixem seus filhos frequentarem o cinema, ao mesmo tempo em que as culpa por permitirem que estes frequentem o local:

Ai de vós, ó mães, que descudaes da educação christã dos vossos filhos!
[...] E, ao invés de, nessas horas, receberem os filhos os ensinamentos maternos, e, como outrora, balbuciem, aprendendo, as palavras divinas do Padre Nosso, são, agora, do ambiente mortífero do cinema, testemunhas assíduas dos espetáculos mais horripilantes, das horripilâncias mais abomináveis.
Desgraçadas mães!
Terrível castigo vos espera talvez ainda neste mundo, em que os mesmos filhos serão instrumentos da justiça divina para vos amargurarem os últimos dias.
Um dia haveis de chorar lágrimas de sangue!
Vossos filhos, creados sem Deus, nascidos na descrença, alimentados pelo mundanismo, tonificados pelo vinho inebriante e seductor do vosso exemplo pevertido, serão os espinhos – muito mais – os cravos lancinantes que lhes irão de crucificar no madeiro aspérrimo de uma velhice. [...] (VERDADES, 24 de dezembro de 1927, p. 5)

Percebe-se a importância que era dada às mulheres na educação dos filhos e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que elas carregavam com isso. Para a Igreja, era papel das mães ensinar aos filhos e às filhas a agirem de acordo com a moral

cristã. A partir do momento que elas aderissem ao modo de vida tido como moderno, classificado como imoral, e permitisse que seus filhos e filhas também o fizessem, passavam a serem vistas como uma das principais culpadas pela desmoralização da sociedade.

Como maneira de tentar persuadi-las, o autor procurou amedrontá-las afirmando que elas seriam castigadas por Deus e que os próprios filhos seriam os instrumentos de seu sofrimento. Ele utiliza elementos do próprio imaginário católico, que remetem a ideia de punição, na intenção de causar o temor a quem lê. Podemos identificar, como exemplo disso no texto, a alusão feita à crucificação de Cristo e à justiça divina, ou seja, expressões que tinham um significado forte de sofrimento para os membros da religião.

Além do cinema, outro comportamento criticado fortemente foi à adesão à moda pelas mulheres, mesmo trazendo, entre os reclames, anúncios de lojas de tecido, de alfaiates, de produtos de beleza, etc. Seja incentivando os homens a proibir as mulheres de vestirem-se de maneira tida como vulgar, seja buscando convencê-las de que a moda traria o mal para a sociedade, ou seja, condenando a paixão ao luxo, *O Nordeste* combateu a mudança na maneira de se vestir de suas leitoras. No texto seguinte, assim como no citado anteriormente, estas são apresentadas como vítimas:

Curiosidade da epocha...

A consumpção da epocha é a moda

A moda _ todo homem, medianamente reflectido, a não ser que tenha faculdades embotadas há de condemnar a moda actual.

É um facto: atingiu o nec plus ultra a maneira de vestir do nosso tempo.

Ainda não compreendi bem o intuito dos requintes do vestuário d'este século de novidades, mas, outro dia, veio-me, em deliciosa reflexão, porque foi subministrada do ceo, o pensamento seguinte:

A moda feminina pretende com esgares de louca, deschristianizar a mulher, humilhar o sexo recata-lo.

Humilhar, sim, porque os dotes superiores da jovem, de senhora de família, a modéstia, o decoro, o recato feminino tão de molde ao sexo, soffrem muitíssimo com a moda invasora e cruel.

[...] Hoje, tristíssimo é dizer-lo, se não tivermos um paradeiro, irão bem longe os excessos estapafúrdios da moda perversora.

[...] É a invasão da moda, postergando os bons princípios da própria civilidade e urbanidade sociaes.

Debalde a imprensa honesta tem profligado os excessos da moda: ella ahi continua , de seephiro erguido, jactanciosa, verdadeira, primogênita de Satan, subvertendo o mundo com o postulado irrisorio e improvável de civilização, modernismos, chiquismos e tantos outros ismos que projectam insular a virtude nos cenóbios apenas, quando ella devia continuar ser o padrão de gloria da família brasileira, tradicionalmente conservadora dos belos princípios de honestidade e recato das passadas gerações do Brasil.

[...] A missão da moda... é bem possível que ella tenha mais uma missão, esta porem, certamente, é a missão satanica do paganismo (CHRISTIANO 24 de agosto de 1922, p.2).

Aqui as mulheres são colocadas como vítimas da moda. São retratadas como seres indefesos, como se fossem incapazes de decidir o que seria bom ou ruim para si mesmas, como se aderissem à moda não por opção, mas por não conseguirem discernir o mal que esta poderia lhe gerar. Assim, seria papel dos homens impedirem que as mulheres se deixassem seduzir por ela. Sobre o homem que não fazia isso o autor supõe que seja louco.

No entanto, mesmo condenando a moda, não se nega seu “requinte” e nem que ela seja uma característica da época, mas afirma-se que ela atrasaria a “civilidade” e a “urbanidade” que tanto se esperava naquele momento. Ela estaria disfarçada de “chiquismos”, mas na verdade traria o atraso para a sociedade.

Mas a principal ideia que o texto passa é a de que a moda seria uma ferramenta usada pelo diabo para tirar as mulheres do caminho do cristianismo. Ao invés de fazer o bem para as mulheres, esta as humilharia. É interessante observar o motivo pelo qual, na opinião do autor, a moda seria ruim: por tirar das mulheres seu recato e seu decoro. Devemos atentar também para as justificativas utilizadas para legitimar tal discurso: a reflexão foi “subministrada do ceo”, ou seja, queria-se passar a ideia que essa não era somente a opinião de Chistiano, mas de Deus, e por isso mereceria atenção. Outro argumento é o de que o recato seria algo típico das mulheres e que, sendo assim, a moda lhes estaria tirando algo natural. Na visão do autor, mesmo com o trabalho de combate feito por alguns órgãos da imprensa a qual ele chama de honesta, a moda continua a exercer seu fascínio sobre as pessoas.

Assim como a maneira de se vestir, as músicas e danças tidas como modernas foram constantes alvos de crítica nas páginas do *O Nordeste* no período por nós analisado.

Notamos na fonte seguinte, assim como em outras por nós pesquisadas, a menção do tango como dança em voga no período e que também era considerada imoral pela Igreja. Através de mais um exemplo vindo da França, o articulista busca deixar subentendida a sua opinião sobre o ritmo:

O primoroso publicista francês Pierre Ermité em um de seus magníficos artigos, conta a história de uma mãe que foi ver com o parócho de Montemarber, homem de vistas largas, afim de conseguir a licença de sua filha dançar o tango, a dança da moda.

O parócho, depois de sensatas considerações, e objecções da mãe e da filha, por fim disse aquella.

- Que sua filha, minha senhora, deseja dançar o tango vá! Ella não compreende. Mas vsa. exc., a protetora nata de sua filha! V. exc. que sabe o essa ou aquella atitude significa, como pode vir pedir me uma licença que nem o próprio Deus poderia dar lhe, porque é contraria a toda consciência?

Suppondo embora sua filha completamente inocente, nem todas as suas companheiras o serão como ella..., o que, porisso contribui para o escândalo... aumenta com todo o seu peso de sua honestidade uma moda abominável...

Não negue a evidencia

E afinal o padre conclui desta forma:

– Concluimos , pela minha senhor. Dizia-me um rapaz há poucos dias: <si eu visse a minha noiva dansar tango com algum dos meus amigos, cujos pensamentos íntimos conheço, precisamente porque são meus amigos, declarara incontinente o meu contracto de casamento> (TANGO, 04 de dezembro de 1924, p. 2).

Nesta citação, notamos que *O Nordeste* traçou em seu discurso uma diferenciação a respeito da compreensão moral entre os jovens e os mais velhos. Ao afirmar que por conta da juventude sua filha não seria capaz de entender os preceitos morais, ele colocou a experiência dos mais velhos como algo valoroso para compreensão dos bons costumes cristãos. Todavia, mesmo com esta afirmação, apontou uma senhora que intercedeu pela filha para que esta pudesse dançar as novas músicas, sem desobedecer a sua religião. Mostrando a jovem como alguém que não compreendia seu erro, a mãe foi colocada como a culpada, caso não

protegesse a filha (nesse caso protege-la seria proibi-la de praticar a dança) já que pela sua idade deveria ter consciência do mal causado pelo tango. Mais uma vez, o discurso publicado no jornal reafirmou o papel de mãe instituído socialmente para as mulheres. Seria função desta se orientar filhos e filhas, responsabilizando-se pelos seus atos.

Neste trecho, o jornal nos mostrou também o teor do pensamento dos homens em relação ao tango. Pois, no caso citado, o rapaz deixou transparecer pensamentos negativos e de degradação às moças que dançavam esse ritmo. Todavia, também deixa transparecer que o problema estava relacionado especificamente às mulheres, principalmente, às mais próximas, já que os amigos poderiam dançar tango com outras mulheres, mas não com sua noiva. Ou seja, estabeleceram-se padrões comportamentais diferenciados para homens e mulheres.

O texto a seguir foi publicado em um jornal carioca e reproduzido por O *Nordeste* e fala, entre outros aspectos, sobre a liberdade dos movimentos na prática da dança naquele período, citando como exemplo o *foxtrot*:

[...] Muitos males que a moral individual repelle, a sociedade não enxerga. Os seus excessos convencionalistas desaparecem em presença de certas práticas que o mínimo pudor não aceitará.

O critério colectivo sobre o que é moral, difere immensamente do critério individual. Assim, por exemplo, seria um escândalo se uma moça, na rua, agarrasse um rapaz. Entretanto, em um baile, fazem-se coisas peiores do que isso.

Os requebros de ancas, os remeximentos de pernas, a junção íntima dos corpos e há quem ache isso não ser immoral.

Os paes assistem impassíveis a essas cenas degradantes a que se entregam as filhas.

Não têm eles consciência que essas moças de hoje, amanhã esposas, preparam nos bailes immoraes o crime de adultério, porque o <<foxtrot>> conforme dançam por ahi, tira todo o brio e arranca toda a moral das moças?

Os fatos poderiam citar as centenas.

Há pouco tempo, num baile da capital, um moço arrendou durante todo o baile uma moça bastante conhecida. Esse moço quis aproveitar o partido, e d'ahi um montão de graças immoraes, que a referida moça, em vez de repelir consentia que elle dissesse.

Tudo isso, resultado do modernismo, das danças indesejáveis, que lentamente vão arrastando as moças a um estado de assentimento francamente imperdoável,

desmoralizador corrupto, ofensivo a pureza do sexo e a honestidade que deve ser o altar luminoso onde a mulher se eleva digna pelos seus actos superiores e pela sua conducta (DANÇAS, 11 de janeiro de 1923, p. 1).

Ao criticar os bailes, o autor assinala os “requebros de ancas” e os “remeximentos de pernas” praticados pelas mulheres no momento da dança e qualifica esse comportamento como imoral, ou seja, essa maior liberdade feminina ao dançar seria encarada como perversão pela Igreja. Mas o ponto principal abordado pelo texto é a proximidade entre os corpos no momento da dança, que facilitaria contatos entre os homens e as mulheres e também conversas mais íntimas. Isso, de acordo com o texto, tiraria a pureza feminina. Fica subentendido que a moça moderna não serviria para ser esposa, já que a dança praticada durante sua época de solteira a estaria preparando para o adultério quando casada. Por esse motivo os pais deveriam proibir as moças de dançarem. Além disso, o uso da palavra “peiores”, qualifica a dança como um comportamento ruim e faz um juízo a respeito das mulheres que dançavam, julgando seus atos como imperdoáveis. Ou seja, diferentemente dos textos citados anteriormente, os quais tratavam as moças como vítimas, aqui estas são tidas também como culpadas por não repelirem os rapazes.

Considerações finais

O grupo responsável pela publicação do *O Nordeste* atuou intensamente no combate aos comportamentos tidos como modernos que contrariavam os princípios defendidos pela Igreja Católica. Neste trabalho notamos que esta instituição tinha nas condutas das mulheres uma de suas principais preocupações. Isso porque tradicionalmente elas seriam as responsáveis por cuidar da casa, educar os filhos e filhas e preservar o casamento. Como educadoras, elas poderiam ensinar seus filhos a seguirem os princípios do catolicismo. Por esse motivo, os textos presentes na folha retratavam-nas como uma espécie de pilar, que dava sustentação para as famílias e conseqüentemente para a sociedade.

Seguindo esse pensamento, as mulheres que dançavam, se divertiam, frequentavam os cinemas e os bailes, e se vestiam de acordo com a moda, seriam consideradas, nas páginas do jornal, responsáveis pela destruição das famílias e pelo

seu afastamento da religião, conseqüentemente, sendo retratadas como as causadoras dos males da sociedade.

Para defender estas ideias, foram usadas estratégias discursivas, como o uso de notícias ruins relacionadas a estes comportamentos. Tais notícias eram citadas como exemplos a não serem seguidos pelas leitoras e pelos leitores. Além disso, foi muito frequente o uso de palavras pejorativas para se referirem às moças que frequentavam cinemas, bailes ou que se vestiam de acordo com a moda, sempre sendo utilizadas como uma forma de julgá-las ou qualifica-las de maneira negativa. Outro recurso utilizado foi a referência a aspectos da própria religião como fundamentação para os discursos, como por exemplo, a ideia de castigo divino para as mães que não cuidavam dos filhos.

A partir destes discursos, o que pode ser percebido é que *O Nordeste* atuou na defesa do catolicismo e, ao mesmo tempo, no reforço aos padrões de gênero estabelecidos naquela sociedade, a partir da propagação da ideia de que seriam características naturais das mulheres: o pudor, o recato, a inocência, sendo retratadas como qualidades, as quais deveriam ser preservadas. Além disso, ao caracterizar o lar como o lugar desejado para elas e ao defenderem a sua dedicação ao casamento, à família e à religião como as únicas condutas aceitáveis, os textos publicados na folha reafirmaram os papéis sociais tradicionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

Referências

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 2ª edição, 1994.

COSTA, Renata Gomes et al. Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In: *17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012. Anais eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/56/196>>. Acesso em 16/05/2016.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. e org. Roberto. Machado, 29. ed. São Paulo: Graal, 2011.

LAGE, Nilson *et al.* Diário Carioca: O primeiro degrau para a modernidade. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia* v. 1, n. 1, pp.132-144, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2195>>. Acesso em: 20/11/2014.

LIMA, Francisco Gildemberg de. O cinema como diversão “saudável”: o discurso médico sobre as salas de cinema em Fortaleza (1910 e 1930). *Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, n. 7, pp. 157-183, 2011. Disponível em: <www.pucsp.br/revistacordis>. Acesso em: 05/01/2015.

_____. *Os cinemas católicos: moral e decência na cidade de Fortaleza (1913-1930)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012. Orientação de Meize Regina de Lucena Lucas.

LIMA, Janilson Rodrigues. *Em defesa da fé e da família: intelectualidade católica e as estratégias para o restabelecimento de um padrão comportamental em fortaleza (1936 – 1941)*. Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013. Orientação de João Rameres Regis.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ORIÁ, Ricardo; JUCÁ, Gisafran. *De Forte a Vila e Cidade (1603-1889)*. In: SOUZA, Simone de; RIBEIRO, Francisco Moreira; JUCÁ, Gisafran; ORIÁ, Ricardo; PONTE, Sebastião Rogério.

PARGA, Francisca Rafaela. *“Contra a semente da desordem”: imprensa católica e fascismo Fortaleza/CE (1922-1930)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012. Orientação de João Ernani Furtado Filho.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque – reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda, 2001.

RODRIGUES, Walter *et al.* Moda e Élités nos anos 20. In: *Revista Sociologia - Problemas e Práticas*. Nº5, pp.193-206, 1988. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/35/393.pdf>> Acesso em: 10/05/2014.

SANTOS, Chrislene Carvalho. *Corpos e Comportamento: beleza, saúde e moda no sertão cearense no início do século XX*. *Revista Caderno Espaço Feminino*. V. 26, n.1. pp. 101 – 126, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/17784>> Acesso em: 10/01/2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, p., 71-99, jul/dez., 1995.

SILVA, Diocleciana Paul. *Do Recato à Moda: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004. Orientação de Franck Pierre Gilbert Ribard.

SILVA, Márcio Inácio da. *Nas telas da cidade: Salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. Orientação de Frederico de Castro Neves.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. *As Chaves da Cidade: Civilização e Violência na construção do espaço urbano de Fortaleza na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2000. Orientação de Afonso Carlos Marques dos Santos.

SOUZA, Simone de (org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

VIANA JÚNIOR, Mário Martins. *As mulheres na expansão material de fortaleza nos anos de 1920 e 1930*. Dissertação (Mestrado História Social) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009. Orientação de Eurípedes Antônio Funes.